

O exílio do coração em Manuel Bandeira e Agostinho Neto

Marli Paz de Sousa*

APRESENTAÇÃO

A finalidade deste trabalho é averiguar a representação do Exílio do Coração¹ nos poemas, “Vou-me embora p’ra passárgada”², de Manuel Bandeira³, e “Noite”⁴, de Agostinho Neto.

Para alcançar tal propósito pretende-se lançar mão dos princípios teóricos da literatura e dos conhecimentos sobre psicanálise adquiridos durante o curso “Psicanálise, Literatura Melancolia”.

Dessa forma será possível verificar como cada “eu-poético” das obras referidas trata do degredo, e se há entre elas semelhanças e diferenças, assinalando como elas ocorrem. Durante o exercício, a principal preocupação é avaliar a questão do desejo e interdição, e a suposta presença do luto ou da melancolia nos respectivos poemas.

Urge salientar que a elaboração da pesquisa encontra-se em fase de iniciação, e se destina ao projeto de dissertação de mestrado, cujo título provisório é “A Poética do Exílio nas Literaturas de Angola e do Brasil”.

ENTRE EROS E TANATOS

Ocupando-se com as diversas formas de manifestação comportamental, Freud⁵ verifica que o desempenho de cada ser reflete a sua incompletude. Um estado de contínua e infinita necessidade que, nem sempre, é preenchida. Esta insatisfação, muitas vezes, coloca o sujeito diante de impasses, e o deixa conflitado tanto consciente, quanto inconscientemente. A apreensão de tais fatos

* Professora da UFPB.

¹ SARTRE, J. P. (1978), p. 96.

² BANDEIRA, M. (1991).

³ BANDEIRA, M. (1991).

⁴ NETO, A. (1979), p. 58.

⁵ Anotações durante o curso “Psicanálise, Literatura, Melancolia”, ministrado pelo Prof. Chico Viana, no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, período 98.1.

levou Freud a criar uma taxionomia voltada para o perfil psicológico do indivíduo. A fim de compreendermos um pouco da imensa contribuição freudiana, vejamos alguns desses conceitos.

Segundo Freud, a libido é “um sistema de pressões que se desenvolveu no organismo, e que procuram expressão no comportamento”⁶. Estas pressões apresentam-se na forma de impulsos caracterizados pela procura do prazer e o distanciamento da dor. Por isto ele os classifica em impulsos de Eros e impulsos de Tanatos. Como na mitologia clássica, os impulsos de Eros orientam-se para a vida, o amor, a satisfação. Opositivamente os impulsos de Tanatos convergem para a morte, a tristeza, o desconforto. Observa ele, ainda, que estes dois universos contrários encontram-se em constante enfrentamento nas organizações mentais do ser.⁷

A luta entre os impulsos ocorre porque a personalidade é formada por três partes. O id compreende a camada mais profunda da mente, onde se abriga a potência instintual do indivíduo, os seus impulsos. O ego é a parte da personalidade livremente revelada. Finalmente o superego assoma como uma esfera intermediária. Nele se localizam os fundamentos éticos, morais e religiosos, ditados pela cultura e absorvidos pela criança, cujo emblema é o pai. Não se trata aqui do genitor biológico. Ele representa um princípio geral de censura, pois, funcionando como uma espécie de filtro, o superego autoriza, ou não, a atualização do impulso, construindo-se, assim, o eterno conflito entre o desejo e a interdição.⁸

O processo do desejo e interdição alcança todos os seres, e atinge diversos níveis da existência, realizando-se de maneira variável. Necessidades básicas, carências corporais como fome, sede, sexo e seus modos de satisfação dependem certamente dos valores culturais, cultuados por uma determinada comunidade. Sabe-se que certos procedimentos, proibidos num determinado grupo, são plenamente aceitos noutros ajuntamentos sociais, chegando, inclusive, em certas situações, a merecerem louvor.

A esses matizes culturais somam-se questões vinculadas à individualidade. Naturalmente a atuação do ser, suas ações e reações, depende de influências ambientais, da escala de valores utilizada na sua formação. Nota-se, porém, que cada indivíduo tem um modo singular de apreender o mundo, e, conseqüentemente recriá-lo. O inventário formativo, inserto no superego, conforme

⁶ LEITE, D. M. (1987), p. 26.

⁷ LEITE, D. M. (1987), p. 26.

⁸ Anotações durante o curso “Psicanálise, Literatura, Luto”, ministrado pelo Prof. Chico Viana, no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, período 98.1.

vimos, tende a anular o ser enquanto elemento desejante. Mas isto nem sempre ocorre, pois, segundo Freud, os impulsos abafados persistem, e tendem a voltar ao ego, muitas vezes mascarados, como desejos reprimidos ou recalcados.

Gerados pelas sanções impostas pelo superego, o recalque e a repressão indicam situações nas quais o indivíduo sente-se privado do seu desejo. A distinção entre eles é sutil, pois os dois referem-se aos impulsos situados no id. Entretanto o estudo desses impasses mostra que o recalque circula muito mais na esfera do inconsciente, e a repressão, contrariamente, processa-se num nível mais consciente.

Cindido entre o liberado e o proibido, o ser oscila entre Eros e Tanatos. Suas escolhas, conforme se mencionou, tendem a preservar o universo de Eros e fugir da negatividade inclusa em Tanatos. Certamente por isto ele recorre a outros caminhos que possam satisfazer suas necessidades. Assim Freud enxerga o sonho, o devaneio e a criação artística como recursos através dos quais o ser, fugindo da interdição, realiza impunemente suas aspirações.

Ainda no campo das ausências, Freud atina para uma falta básica, inerente a todo o ser. Relacionada com o nascimento biológico, ela compreende a perda do útero materno e toda a plenitude que ele encerra. Nesta pátria ideal o ser desconhece a interdição. Como no paraíso bíblico antes da queda do homem, ele pode circular livremente no itinerário da sua satisfação. Esta perda, e a certeza de que o paraíso jamais será recuperado, a falta da “coisa” como diz Chico Viana⁹, conduz “o homem à errância, à incompletude e à saudade”.¹⁰

A interdição do desejo não se efetiva apenas por conta de não se obter o objeto almejado. A interrupção de um processo prazeroso, provocado pela perda do objeto amado, como se percebe na falta da “coisa”, também deixa marcas dolorosas no indivíduo, que podem levá-lo ao luto, ou a melancolia.¹¹

Mesmo muito parecidas, o luto e a melancolia são manifestações comportamentais distintas. “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade, o ideal de alguém”.¹² Desse mesmo quadro provém a melancolia. Entretanto, o enlutado, após certo tempo, transfere sua carga afetiva para um novo objeto, que passa a ser alvo do seu amor. O melancólico, ao contrário, não consegue realizar esta substituição. Cultivando a “diminuição dos sentimentos de auto-estima”¹³ diferença fundamental entre o luto e a

⁹ VIANA, C. (1994).

¹⁰ VIANA, C. (1994), p. 49.

¹¹ FREUD, S. (1984, v. XIV).

¹² FREUD, S. (1980, vol. X), p. 276.

¹³ FREUD, S. (1980, vol. X), p. 276.

melancolia, ele submerge num emaranhado de padecimentos que não lhe permite vislumbrar saídas. Desinteressado do mundo, ele pode chegar a uma “expectativa delirante de punição”¹⁴, e, num rasgo de inferioridade, encontrar em si defeitos capazes de justificar a perda. Deduz-se disto que o enlutado, durante algum tempo, convive por assim dizer com espectros de Tanatos mas se orienta para Eros, instância inacessível ao melancólico.

EXÍLIO DO CORAÇÃO

Ao refletir sobre a poesia negra de expressão francesa, Jean-Paul Sartre¹⁵ observa que ela apresenta uma “geografia mística”¹⁶, entendida por ele como reflexo do “duplo exílio”¹⁷ do africano, imposto pela colonização europeia. Nesta perspectiva ele verifica que as dores do degredo não se referem apenas àquelas provocadas pela saída forçada da África. Assim ele atenta para o “Exílio do Coração” caracterizado pela sensação de banimento, experimentada pelos negros que permanecem no solo africano.

Parece-nos que a lucidez dessas considerações não permite nenhuma contestação. No entanto elas suscitam um alargamento territorial, pois o “Exílio do coração” atinge os negros colonizados por outros europeus, e também surge na literatura brasileira, como bem o ilustra a “Canção do Exílio”¹⁸, de Murilo Mendes.¹⁹

Minha terra tem macieiras da Califórnia
Onde cantam gaturamos de veneza.
Os poetas da minha terra
São pretos que vivem em torres de ametista.
Os sargentos do exército são monistas, cubistas,
Os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
Com os oradores e pernalongos.
Os sururus em família têm por testemunha a gioconda.
Eu morro sufocado.

¹⁴ FREUD, S. (1980, vol. XIV), p. 276.

¹⁵ SARTRE, J. P. (1978).

¹⁶ SARTRE, J. P. (1978), p. 96.

¹⁷ SARTRE, J. P. (1978), p. 96.

¹⁸ MENDES, M. (1994), p. 87.

¹⁹ MENDES, M. (1994).

Em terra estrangeira.
Nossas flôres são mais bonitas
Nossas frutas mais gostosas
Mas custam cem mil réis a dúzia.

Aí quem me dera chupar uma carambola
[de verdade
E ouvir um sabia com certidão de
[idade.²⁰

Conforme se disse²¹, o “eu-poético” discorre sobre o exílio do coração, pois não se percebe, em nenhum momento do poema citado, menção ao degredo corporal.

Por outro lado, sob uma ótica psicanalítica, esse sentimento pode ocorrer em qualquer indivíduo, em qualquer lugar. Isto porque a interdição do desejo, gerando o desconforto e a infelicidade, tende a levá-lo a almejar uma pátria mais oportuna, onde ele consiga satisfazer suas aspirações.

Essa situação mostra-se com bastante riqueza no poema “Vou-me embora pra passárgada”, de Manuel Bandeira.

Vou-me embora p’ra passárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora p’ra passárgada

Vou-me embora pra passárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é urna aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

²⁰ MENDES. M. (1994), p. 87.

²¹ Refiro-me a trabalho apresentado no primeiro encontro regional de estudantes de Letras (EREL), ocorrido no período 97.1, cujo título é “A Poética do Exílio em Agostinho Neto e Murilo Mendes.

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe d'água
P'rá me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora p'ra passárgada

Em passárgada tem tudo
E outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
- lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora p'ra passárgada.²²

Levando em conta que este trabalho tenciona investigar a representação poética do Exílio do Coração, a escolha desse poema pode causar estranheza, porque ele não menciona explicitamente o degredo. Entretanto parece que o seu exame, iluminado pelas informações fornecidas pela psicanálise, demonstrará que a viagem pretendida pelo seu “eu-poético”, conforme se depreende logo no

²² BANDEIRA, M. (1991).

título do texto, não é tão espontânea assim. Ela compreende muito mais o reflexo do seu banimento. Vejamos tal hipótese.

“Vou-me embora p’ra passárgada” supõe uma estruturação dual, indicada em princípio pelos advérbios de lugar “lá” e “aqui”. Percebe-se de imediato, já na sua primeira estrofe que “lá” ou “passárgada” abre uma isotopia²³ orientada para Eros. “Lá” o “eu-poético”, porque “amigo do rei”, fruirá gozos sexuais, subjacentes nos isotopos “mulher” e “cama”.

Concomitantemente o segundo verso da estrofe seguinte, “aqui eu não sou feliz”, indica que “aqui” assinala a ocorrência de outra isotopia, cujo ponto de junção dos seus elementos é o clo que os liga a Tanatos. Portanto a estrutura dual desse discurso poético assinala a cisão do “eu” dividido entre a felicidade e a frustração.

Nessa oscilação quase delirante o “eu-poético”, a partir do terceiro verso da citada estrofe, prossegue enumerando as benesses de “passárgada”. Nesta passagem ressalta-se a incoerência das características de “lá”. Uma falta de lógica, ou inverossimilhança externa reconhecida por ele, porque conforme confissão do “eu-poético”, em “passárgada” “a existência é uma aventura”. Considerando os versos seguintes desta estrofe, entende-se o termo “aventura” significando um acontecimento romanesco, pois só na instância do devaneio e da ficção ele pode encontrar a nora e o filho inexistentes.

A irrealidade de “passárgada” continua desvelada na terceira estrofe do poema, porque, como num passe de mágica, o “eu-poético” “lá” irá recuperar os prazeres da infância, período no qual o ser enfrenta com mais ousadia as interdições. Neste sentido observe-se que os verbos indicadores da sua ação, estão, predominantemente, flexionados no futuro do indicativo, remetendo-nos, portanto, a uma fase de planejamento da viagem.

Entretanto no sétimo verso dessa mesma estrofe ocorre um princípio de ruptura, pois os verbos deitar e mandar estão conjugados no presente do indicativo. Curiosamente esta quebra relaciona-se com a substituição de “Rosa”, certamente personagem da infância do “eu-poético”, por “mãe-d’água”, entidade mítica, de quem ele pretende ouvir “histórias”.

Essa quebra verbal, e a transferência de “Rosa” para “mãe-d’água” sugerem um indicio de mudança de comportamento do “eu-poético”. É como se ele, sempre oscilando, num rasgo de lucidez, delimitasse o espaço do sonho e da realidade. Ambíguos, os verbos flexionados no presente talvez se refiram à força do devaneio do “eu”. Sentindo-se em “passárgada” ele não planeja, executa. Todavia o verbo deitar evocâ-nos o sonho que, como o devaneio e a escritura,

²³ RASTIER, F. (1975).

são formas de se satisfazer os desejos proibidos no mundo real, por isso a citada referência à mudança de comportamento do “eu-poético”. É provável que do mesmo modo que “passárgada” é por ele apresentada como um espaço ficcional, os verbos conjugados no presente voltam-se para este tipo de informação.

É esse estado de consciência do “eu-poético”, que surge bem claro, o seu domínio do assunto que o leva a saltar da infância para a idade adulta. Na quarta estrofe de “Vou-me embora p’ra passárgada” ele nos diz que “lá”, numa outra “civilização”, a gravidez é controlável. Em “passárgada” existe “telefone automático”, fatura de “alcalóide” e “prostitutas bonitas” à sua disposição. Estas aspirações, como bem se vê, não são da criança, elas caracterizam, com bastante evidência, o ser crescido, adulto, cuja satisfação não se realiza “aqui”. Por isto a sonhada viagem.

Os elementos até agora levantados enquanto confirmam a comentada clivagem do “eupoético”, mostram que ela provém da interdição dos seus desejos “aqui” proibidos. Neste sentido, a figura do rei emerge como um divisor de águas. “Aqui”, no mundo real, algo ou alguém impede a satisfação do “eu-poético”. Mas no universo do sonho, da ficção, onde ele é “amigo do rei” ele pode tudo. Até mesmo recuperar a infância completamente perdida.

Tradicionalmente o rei é uma espécie de grande pai. Possuidor de uma autoridade absoluta e inquestionável, ele detém poder de vida e de morte sobre os seus súditos. Atentando-se para os versos de “vou-me embora p’ra passárgada”, observa-se que “lá”, tornando-se “amigo do rei”, o “eu-poético” obtém os prazeres negados “aqui”. Esta condição permite que se enxergue o “rei”, do poema, como uma representação do superego. São as interdições deste “rei” que forçam o “eu-poético” a fugir do mundo real, no caso “aqui”, e buscar guarida em “passárgada”. Uma viagem que, surpreendentemente, é planejada e ao mesmo tempo executada, pois no mundo da fantasia, mediatizada pela escritura, “passárgada” passa a existir.

Essa curiosa realidade de “passárgada” repercute no restante do poema. Nesta sua última estrofe, o “eu-poético” assume de vez sua oscilação entre o real e o idealizado. Por conta desta consciência é que ele prevê novas viagens à “passárgada”. “Lá” é sua única chance de fugir de Tanatos, de não executar o suicídio que o rodeia. “Passárgada” surge, assim, como um viés que se não impede o enlutamento do “eu-poético”, evita-lhe, provavelmente entrar num quadro melancólico caracterizado por uma doentia e infundável tristeza.

O Exílio do Coração, e a problemática conflituosa que ele provoca, também apareceu, com certa frequência, na produção poética do angolano Agostinho Neto. Para ilustrar este fato leia-se, nesta ocasião, o poema “Noite”, que assim nos diz:

Eu vivo
Nos bairros escuros do mundo
Sem luz nem vida.

Vou pelas ruas
As apalpadelas
Encostado aos meus informes sonhos
Tropeçando na escravidão

Ao meu desejo de ser.

São bairros de escravos
Mundos de miséria
Bairros escuros.

Onde as vontades se diluíram
E os homens se confundiram
Com as coisas.

Ando aos trambolhões
Pelas ruas sem luz
Desconhecidas
Pejadas de mística e terror
De braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.²⁴

Confessional como “Vou-me embora p’ra passárgada”, o poema transcrito coloca-nos em sintonia com a intimidade do seu “eu-poético”, cujo discurso aponta o seu desconforto. A notação da sua infelicidade anuncia-se no título da obra, “Noite”, pois, numa visão simbólica, o escuro da noite evoca o universo de Tanatos. Noite, neste sentido é morte, sofrimento, luto.

Penetrando o texto, percebe-se que, de início, o “eu-poético” informa o seu domicílio: “eu vivo / nos bairros escuros do mundo”. Assim, depreende-se que ele se revela um apátrida porque “bairros do mundo”, soa como todo o universo, e, ao mesmo tempo lugar nenhum. Só através da imaginação, e da linguagem poética alguém pode viver em local tão absurdo. Nota-se, portanto, que, ao

²⁴ NETO, Agostinho. (1979). p. 58.

contrário de “Vou-me embora p’ra passárgada”, o “eu-poético” de “Noite” situa-se num mundo fantasioso. Ele não pretende fazer viagem nenhuma.

A partir disso, observa-se que os atributos dos “bairros do mundo” carregam os mesmos traços semânticos expressos pelo título do poema, “Noite”, portanto se integram a isotopia relacionada com Tanatos. Verifica-se, ainda, que, num perambular doloroso, o “eu-poético” percorre “ruas” escuras, naturalmente refletindo as características dos “bairros”, “sem luz nem vida”. Pressente-se que o escuro desta “noite” tão peculiar não atrapalha os pés. Esta caminhada “as apalpadelas” afigura-se, parece, como uma construção conotativa, com a qual ele se reporta á tristeza da sua alma, do seu coração. Sobre isto, vale salientar que, segundo suas informações, os seus “sonhos” esbarram “na escravidão”, impedindo o seu “desejo de ser”. É difícil acreditar que essas exposições refiram-se apenas à escravidão negra disseminada na África, pelo europeu branco. Para além desta alusão, parece que o discurso poético em questão aprofunda a subjugação do ser, que tanto ocorre no solo africano, como em outras partes do mundo, alcançando brancos, pretos e amarelos.

Tais reflexões evocam a conhecida dualidade existente entre o desejo e a interdição. O vocábulo “sonhos”, naturalmente lembra anseios, os mais vários, e a palavra “escravidão”, presentifica o proibido. O ser necessariamente não precisa ter o seu corpo exilado para se sentir escravo. As leis, os preconceitos, os tabus consagrados pela cultura e interiorizados pelo indivíduo, funcionam como amarras que o impedem de satisfazer os seus desejos. O poema não oferece indícios com os quais se consiga precisar os objetos almejados e não conseguidos, contudo, eles estão implícitos nas dores do degregado “eu-poético”.

Nota-se aí mais uma divergência entre o poema “Noite”, e a obra de Manuel Bandeira, “Vou-me embora p’ra passárgada”, no qual o “eu-poético” apresenta expressiva lista de anseios proibidos no mundo real, e liberados na esfera da fantasia, segundo vimos.

Os versos reunidos na terceira estrofe do poema de Agostinho Neto, “Noite”, ecoam com um tom obsessivo. Nesta passagem o “eu-poético” insiste na atmosfera lúgubre dos “bairros escuros do mundo” onde vive. Esta reiteração, a nosso ver, parece enfatizar as trevas do medonho espaço, principalmente, pela inclusão de “miséria”, inserto no segundo verso da estrofe em pauta, que também integra a seqüência isotópica relativa a Tanatos. Isto radicaliza, por assim, dizer, a infelicidade do “eu-poético”.

Além de enfatizar o que já foi dito, essa estrofe supõe explicá-lo. Agora não são “informes sonhos” que atormentam o “eu-poético”. Como se fora uma escala crescente, ele notifica que, nesses “bairros do mundo”, “as vontades se diluíram”. O verbo diluir, sabe-se, significa desfazer. Algo desfeito, é algo destruído, por

isto imagina-se que o fragmento “as vontades se diluíram” pode ser lido como a destruição dos sonhos, dos habitantes “dos bairros do mundo”, incluindo-se aí o “eu-poético”. Isto, supõe-se, já caracteriza uma perda, que gera um certo esvaziamento da condição de desejante inerente ao ser. Provavelmente este processo motiva o “eu-poético” a afirmar que “os homens se confundiram”, “com as coisas”. Coisas não agem, nem reagem, portanto não desejam e não se frustram.

Certamente esse esvaziamento é responsável pela ausência de perspectivas do “eu-poético”. No seu sombrio itinerário as ruas sem luz assomam “desconhecidas”. Este, é, certamente, um discurso de degredado. O poema “Noite” não menciona o degredo corporal, mas o discurso do seu “eu-poético” indica o exílio do seu coração.

A aduzida falta de perspectiva do “eu-poético” da obra angolana, assinala mais uma diferença entre a obra “Noite”, de Agostinho Neto, e “Vou-me embora p’ra passárgada”, do brasileiro Manuel Bandeira. Consoante observou-se o “eu-poético” do texto de Bandeira teima em sair do conflito, ocasionado pela interdição dos seus desejos, pelo viés da fantasia, representada por “passárgada”. Tal coisa não ocorre no texto angolano. Percorrendo “ruas” “pejadas de mística e terror”, o seu “eu-poético” só enxerga o tenebroso escuro. Em vista disso entende-se que esta “Noite” poeticamente inventada, simboliza o profundo enlutamento do seu “eu-poético”.

Julga-se que essa dedução confirma-se na própria estrutura do poema angolano. Vêja-se que ele se organiza em seis estrofes. Destas, cinco são conjuntos de três, e cinco versos. Entretanto a última delas compreende um único verso: “também a noite é escura”. Este destaque não será um indício de que a “noite” deste verso, representa, no poema, a noite em oposição ao dia? Parece que sim.

Referências Bibliográficas

- ÁFRICA, 7 (Jan-março de 1980), Lisboa: África.
- ARRIGUCCI JR., David. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. (Poesias reunidas e poemas traduzidos). 19 ed.. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1991
- _____. *Itinerário de passárgada: de poetas e de poesia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

- BERND, Zila. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Negritude e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- COESME, Leonel. *Em Angola*. Porto: Afrontamento, 1978.
- COSTA ANDRADE, Fernando da. *Literatura angolana (opiniões)*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *Manuel Bandeira*. (Coletânea organizada por Sônia Brayner). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Brasília: INL, 1980 (Col. Fortuna Crítica, vol. 5).
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: M.E.I.C., 1979.
- FREUD, Sigmund. "Escritores criativos e devaneios". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. IX).
- _____. "Delírios e sonhos na gradiva". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. IX).
- _____. "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XI).
- _____. "O tema dos três esconijos". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XII).
- _____. "O Moisés de Michelângelo". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XIII).
- _____. "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XVII).
- _____. "Uma recordação de infância de 'Dichtung und Wahrheit'". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XVII).
- _____. "O estranho". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XVII).
- _____. "Dostoiévski e o parricídio". IN: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, (vol. XIV).
- GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- KABENGELE, Munanga. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. 4 ed: São Paulo: Hucitec; Ed. UNESP, 1987.
- MADRUGA, Elisalva de Fátima. *Nas trilhas da descoberta (repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana)*. Tese de Doutorado, defendida junto à USP, em maio de 1995, sob a orientação do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior.
- MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. Portugal: Sã da Costa Editora, 1979.
- RASTIER, François. "Sistemática das isotopias". In: GREIMAS, A. J. (org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1975.
- TRIGO, Salvato. *A poética da geração mensagem*. Porto: Brasília Editora, s/d.
- VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 1994.